

CRUZADA DOS MILITARES ESPÍRITAS

NOTA INTRODUTÓRIA

Denota-se iniciativas e obras estabelecidas pela Diretoria da OME, como parte das comemorações do quadragésimo aniversário de Instituição, ligadas à publicação de dados sobre Maurício, nosso Patrono, de há muito conhecidas por sua compaixão.

MAURÍCIO

Um grupo de pesquisadores, em colaboração com a Diretoria da OME, apresenta a publicação de dados sobre Maurício, nosso Patrono, de há muito conhecidas por sua compaixão.

PATRONO E GUIA DA CRUZADA

Fazem referência ao presente trabalho muitas fantasias que, habitualmente, fazem parte das biografias.

A presente publicação apresenta os dados sobre Maurício, nosso Patrono, de há muito conhecidas por sua compaixão.

Esperamos, assim, levar aos leitores um quadro simples, e o mais fiel possível, da vida e da obra de Maurício, nosso Patrono.

Transcendendo os limites da obra, sempre presente, o trabalho de Maurício, nosso Patrono, de há muito conhecidas por sua compaixão.

XXXI SEMANA MAURÍCIA

Setembro, 1984

NOTA INTRODUTÓRIA

Dentre as iniciativas e metas estabelecidas pela Diretoria da CME, como parte das comemorações do quadragésimo aniversário da Instituição, figura a publicação de dados sobre Maurício, nosso Patrono, de há muito reclamadas pelos companheiros.

Um grupo de Diretores preparou as presentes anotações, que procuram retratar os poucos dados aceitos pela crítica histórica, estes mesmos ainda passíveis de futuras revisões.

Foram escoimados do presente trabalho as muitas fantasias que, habitualmente, fazem parte das hagiografias.

A presente compilação ampara-se em vários textos obtidos através de um correspondente esperantista no Vaticano.

Esperamos, assim, levar aos Cruzados um quadro simples, e o mais fidedigno possível, da epopéia da chamada "legião tebana".

Transcendendo os fatos históricos deverá estar, sempre presente, o imorredouro significado do martírio de Maurício e de seus comandados.

1. FONTES

Não se conhecem referências ao episódio do martírio da "legião tebana" de fontes contemporâneas aos fatos.

O mais antigo documento relativo ao sacrifício de Maurício, Exupério, Cândido e seus companheiros, é a "Passio Acaunensium Martyrum" (Paixão dos Mártires de Agauno), de autoria de Euquério, bispo de Lyon, que a escreveu cerca de 450/55, decorridos, portanto, mais de 160 anos do trágico evento. Este documento chegou-nos por um manuscrito do séc. VI ou VII, existente em Paris.

Muitas reduções ou versões da mesma fonte surgiram depois, algumas em linguagem poética, destacando-se a versão de um autor anônimo do séc. IX.

Em carta ao bispo Sálvio, de Octodurum (hoje Martigny, Suíça), Euquério informa de que se teria servido de fontes orais para escrever a "Passio", tradição oral esta que teria recebido do bispo Isaac, de Genebra que, por sua vez, a teria recolhido do bispo Teodoro, de Octodurum, falecido provavelmente em 381, o mesmo que teria achado os restos mortais dos mártires, transferindo-os para uma pequena basílica que para isto mandou construir em Agauno (hoje St-Maurice, no cantão do Vallais, Suíça), próximo de Octodurum.

Para Euquério, a legião dita tebana, sob o comando de Maurício, fora mandada vir do Oriente, por ordem do imperador Maximiniano, a fim de perseguir os cristãos. Maurício e seus comandados, professando a fé

cristã, recusaram-se a compactuar com os propósitos iníquos do imperador, motivo pelo qual foram sacrificados, após duas dizimações (morte de 1 soldado em cada grupo de 10).

Completado o morticínio, teria surgido um veterano em licença, de nome Vítor, que, declarando-se cristão, foi também executado.

Para Euquério, o número de legionários martirizados teria sido de 6.600 e, além de Vítor e Maurício, o comandante, conheciam-se os nomes de Exupério, sub-co^mmandante e Cândido, intendente.

Existe, ainda, uma tradição segundo a qual os mártires Orso (Urso) e Vítor, mortos em Solothurn (capital do cantão homônimo, Suíça), também pertenciam à "legião tebana".

Segundo o texto interpolado do séc. IX, e a que já nos referimos, os fatos se passaram em cronologia e circunstâncias diversas, pois os reporta à insurrei^ção dos bagaudos, no ano de 286. O sacrifício da "legião tebana" teria ocorrido em Agauno, por ordem de Maximiniano, após a recusa das tropas de Maurício em participar dos cultos propiciatórios aos deuses pagãos e dos juramentos de praxe que antecedi^am aos combates.

O texto, ao demais, coincide com a narrativa de Euquério, salvo na indicação de dois outros mártires, além dos já citados, de nomes Inocência e Vital. Também noticia a descoberta dos restos de Inocência, graças a uma cheia do Ródano e o seu posterior traslado

para Agauno.

2. OS FATOS HISTÓRICOS

Os críticos, sobretudo de formação protestante, têm sido muito severos na análise do relato de Euquêrio. A época já tardia em que foi escrito e por tradição oral, além de alguns flagrantes deslizes cometidos pelo autor, colocam o documento sob suspeição.

A crítica moderna julga poder aceitar, de modo parcial, a narração de Euquêrio, incorporando, em linhas gerais, a interpolação do séc. IX.

A indicação "legião tebana" é, de fato, encontrada com certa frequência no séc. IV e, concretamente, aparece no Egito, mas, também, na Trácia e na Itália. Seja como for, o gentílico não dá margem a discussões em torno da origem desta tropa, a Tebaida, no Alto Egito.

Não se aceita, todavia, o número de 6.600 mártires citados por Euquêrio. Difícil admitir-se, na segunda metade do séc. III, a concentração de tal número de cristãos em uma só unidade. De resto, à época, as legiões não possuíam, como na época da República e nos primeiros tempos do Império, tão numeroso efetivo. Constantino, que governou logo após Diocleciano e Maximiniano, fixou em 1.000 homens o efetivo das legiões. Tudo leva a crer tratar-se de uma unidade autônoma, uma coorte auxiliar.

De fato, o imperador Diocleciano (284-305) associou ao Império, em 285, Marco Aurélio Valério Maximiniano, a quem atribuiu o comando das tropas que deveriam debe

a revolta dos bagaudos, na Gália. Maximiniano reuniu tropas na Itália, entre as quais alguns corpos vindos do Oriente e, com elas, cruza o passo do Grande São Bernardo (Summus Penninos), no outono de 286.

Acampando nos arredores de Octodurum, o exército poderia, além de agir contra os bagaudos, ser enviado para o Reno, contra os germanos. Contra tais planos, aliás, as tropas teriam demonstrado descontentamento.

Antes de começar a campanha, Maximiniano determinou solenes sacrifícios aos deuses, em Octodurum, ocasião em que as tropas deveriam fazer os juramentos de fidelidade.

Os soldados cristãos de Maurício, que se haviam afastado para Agaunum, recusaram-se a prestar culto aos deuses pagãos.

Maximiniano, contrariado, determinou uma primeira dizimação e, ante a firme resolução de Maurício e seus comandados, uma segunda. Enfurecido ante a resistência a estóica, o imperador determinou a decapitação de toda unidade.

Segundo a tradição, e com toda probabilidade, o martírio teria ocorrido a 22 de setembro do ano de 286.

Escrevia-se, assim, nos campos de Agauno, um dos mais impressionantes exemplos de fidelidade ao Cristo e a Deus, enriquecendo o martirológico que marcou a grande epopéia das origens cristãs.

3. O CULTO CATÓLICO A SÃO MAURÍCIO

Durante o episcopado de Teodoro de Martigny acha -

ram-se, por volta do ano de 380, os restos de um cemitério galo-romano; pensou-se, então, tratar-se dos despojos dos mártires da "legião tebana", tendo o bispo determinado a construção de uma pequena basílica para recolhê-los.

As escavações feitas em St-Maurice, a partir do ano de 1893, descobriram os vestígios do pequeno templo do séc. IV, bem como os das sucessivas construções feitas no mesmo local, o que veio dar grande autenticidade às notícias veiculadas por Euquério sobre os trabalhos de Teodoro e o culto que, desde então, foi prestado aos mártires.

A 22 de setembro de 515, o bispo São Avito, de Vienne, às margens do Ródano, na França, pronunciou homília para a inauguração da basílica mandada edificar, em Agauno, pelo rei borgúndio Sigismundo. Esta basílica foi destruída, pouco tempo depois, por um deslizamento de terra, sendo reconstruída, por volta de 520, pelo abade Ambrósio. Novas construções, sempre mais amplas, foram feitas nos séculos VIII e IX; a atual data do séc. XVII.

O culto a Maurício irradiou-se da Suiça para as regiões limítrofes da França, Alemanha e Itália e, posteriormente, para a Espanha.

Por volta de 420, Maurício já aparece como patrono de igrejas em Auxerre e, posteriormente, em Tours, Vienne, Colônia, etc.

Durante a Idade Média, surgiram ordens de cavalaria

sob o patrocínio de Maurício, das quais foram célebres as dos Santos Lázaro e Maurício, na Savóia, Itália, e a do Tosão de Ouro, na Espanha.

Também os tintureiros o tomaram por patrono, pois era, muitas vezes, representado com pele escura (tinta).

4. MAURÍCIO NAS ARTES

É bastante rica a iconografia maurícia, e também são comuns os paralelos entre Maurício e outro santo guerreiro, São Jorge, sobretudo quando o primeiro é representado como um cavaleiro de pele branca.

É curioso observar-se que, dada a origem egípcia de Maurício, muitas vezes ele é representado como homem de cor, o que é mais comum nas obras saídas das escolas germânicas. Outras o mostram com características negróides, lábios carnudos e cabelos crespos ou encarapinhados.

Entre outros exemplos, Maurício aparece decididamente negro na estátua equestre (séc. XIII), da catedral de Magdeburgo; com características negróides, no afresco de Simone Martini, na igreja de São Francisco, em Assis.

Uma das coisas que distingue, frequentemente, Maurício de Jorge, é ser ele representado a pé, caso do exemplo ilustre da belíssima cena do martírio pintada por El-Greco, existente no Escorial.

Na França, Alemanha e Itália são muitas as figurações de Maurício, seja na pintura, seja na escultura

ou ourivesaria. Em Magdeburgo, o castelo episcopal é chamado Moritzburg (Burgo de Maurício) e possui, além da estátua já citada, duas outras, uma de prata, outra de alabastro.

Também Mantegna e Luini representaram Maurício. O primeiro, no quadro da Maddona della Vittoria, ora no Louvre, no qual ele aparece junto a São Longino, patrono de Mântua; o segundo, no a-fresco da igreja de São Maurício, em Milão (séc. XVI).

5. REFERÊNCIAS EM OBRAS MEDIÚNICAS

Conhecemos duas referências a Maurício em obras mediúnicas, a saber:

a) No livro de Rochester, "In Hoc Signo Vincas", psicografado pela grande médium polonesa Wera Krijanovsky, à página 9 da edição francesa de 1893, que tem por título "Tu vaincras par ce signe", encontramos o seguinte passo:

"Le prêtre partit d'un éclat de rire sec.

- Avec ces gens-là, l'in vraisemblable est encore au-dessous de la vérité; l'incident d'Agaune avec la cohorte ^{*} thébaine qui se laissa décimer, puis égorger comme un troupeau plutôt que obéir au César, est en beau témoignage de la discipline des soldats chrétiens; ..."

cujá tradução é:

"O sacerdote irrompeu numa gargalhada seca.

- O inverossímil, com esta gente, ainda fica aquém da verdade; o incidente de Agaune, com a coorte

* auxiliaire

auxiliar tebana, que se deixou dizimar e, depois, decapitar como um rebanho, antes que obedecer a César, é uma boa prova da disciplina dos soldados cristãos;..."

Esta informação de Rochester é sugestiva, pois indica que a chamada legião tebana era uma coorte auxiliar, como o afirma a moderna crítica histórica.

Esta obra foi traduzida pela FEB sob o título "O Sinal da Vitória", apresentando, neste trecho, um engano por parte da tradutora.

b) Na obra de Atanagildo, psicografada por Hercílio Maes, "Semeando e Colhendo", nas páginas 240/241, edição de 1967, Livraria Freitas Bastos, há breve referência a Maurício e uma nota ao pé de página, com algumas referências históricas que seria precipitado endossar.

6. SIGNIFICADO DO SACRIFÍCIO DE MAURÍCIO

Para traduzir o significado do martirológico da chamada "legião tebana", recorremos a um artigo do sempre lembrado Cruzado Gen. Augusto da Cunha Duque-Estrada, publicado no boletim "O Cruzado" de 15 de setembro de 1959, do qual extraímos o seguinte trecho:

"A Legião Tebana era cristã; até ela haviam chegado os ensinamentos do Mestre Divino; as almas dos seus soldados tinham recebido a graça do batismo, devotando-se ao serviço de um Deus único. Somente a Ele os homens da Legião deviam obediência espiritual.

Materialmente, era uma força organizada; militarmente, era subordinada ao Imperador; dele recebiam, os

seus soldados, as ordens orientadores da sua conduta.

Já na pregação das verdades eternas, Jesus ensinara, respondendo aos que o interpelavam sobre o pagamento dos impostos: "Dai a César o que é de César; dai a Deus o que é de Deus".

Era a separação perfeita entre os dois mundos, entre a matéria e o espírito.

Não era possível estabelecer-se confusão, crear-se dúvidas.

.....

Por certo, espetáculo igual jamais ocorrera em qualquer época, em parte alguma, de estoicismo, de devotamento a uma causa, de renúncia coletiva, como o que legaram ao mundo Maurício e seus comandados.

Repetiam-se, com frequência, para gáudio dos césares e divertimento das massas embrutecidas pelos prazeres fáceis, as cenas horripilantes dos circos de Roma.

No entanto, não poderiam ter a significação, não eram comparáveis à epopéia vivida pela Legião Tebana. De um lado, tratava-se de seres indefesos, que possuíam a couraça única da sua crença, a ampará-los na prova suprema; do outro, uma energia capaz de resistir e vencer, que se conservava, deliberadamente, em estado potencial apenas, robustecendo e amparando uma vontade de exaltar os espíritos em busca do Pai amoroso e bom.

Ao invés de um ato de rebeldia, de insubmissão, Maurício dá o exemplo de disciplina consciente e perfeita

ta, serena e justa, sofrendo a punição imposta pela vontade desmedida do chefe terreno, ao mesmo tempo obedecendo, sem vacilações, com humildade e energia, aos ditames da consciência e da razão. Tornou bem claro, pôs em evidência, com o ato que praticou, a separação que deve existir, sem tergiversações, entre os poderes temporal e espiritual, entre o que é da matéria e o que respeita ao espírito.

Foi esse o Patrono e Guia que a vontade do Alto destinou à Cruzada dos Militares Espíritos para ampará-la e orientá-la, estimulando-a e guiando-a na realização da missão que lhe foi determinada da prática do Evangelho.

Torna-se necessário que nós, Cruzados, meditemos profundamente sobre a lição de devotamento e renúncia, de disciplina e de fé, que o Capitão Maurício e sua coorte nos legaram, para que possamos cumprir a missão que nos foi destinada, nos dias conturbados em que vivemos. Sente-se, por toda parte, um anseio crescente de reforma, de mudança profunda no mundo, que o vendaval do materialismo varreu e secou. Apregoa-se, a todo instante, que se torna necessária e urgente uma mudança de rumo na orientação dada à sociedade, rica de conforto material e de intranquilidade espiritual. Existe, permanentemente, a ameaça brutal da destruição, a intranquilidade, o desassossego, a amargura que constrange os corações.

Como nau desarvorada, batida pela fúria do mar cavado, em busca da enseada onde se abrigue, a socieda-

de humana anseia por uma orientação que minore os seus sofrimentos, trazendo-lhe a harmonia e a paz, a tranquilidade e a felicidade perfeita.

Só existe uma bússola a ditar-lhe um rumo: o Evangelho de Jesus. E a iluminar o caminho, tornando-o praticável, como farol potente que não se extingue, a Revelação prometida pelo Messias, que Kardec codificou.

Exemplificá-la a cada instante, propagando-a com devotamento e renúncia, com firmeza e fé, eis a missão que nos foi outorgada sob o amparo e exemplo de Maurício. Sob os auspícios e orientação do nosso Patrono e Guia, sejamos dignos de realizá-la, para uma colheita abundante e feliz".

O mapa da página seguinte, da região em que ocorreu o martírio da Legião Tebana, foi extraído do ensaio "Le Martyre de la Légion Thébaine (Essai sur la Formation d'une Légende)", de Denis Van Berchem, Caderno 8 da coleção "Schweizerische Beiträge zur Altertumswissenschaft" (Basiléia, 1956)

